

Imagens do professor na *Revista Língua Portuguesa*: considerações sobre *ethos* e representação

(Images of teacher in *Revista Língua Portuguesa*:
considerations about *ethos* and representation)

Marina Célia Mendonça¹

¹Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

marinamendonca@fclar.unesp.br

Abstract: In this paper, we analyze reader's letters of the first copies of the *Revista Língua Portuguesa*. This work aims to expand the study of the relations, in this magazine, between discourses that come from different spheres of communication, as the Bakhtin Circle considers. The intention is to develop by studying the speech genre “reader's letter” a reflection on the construction of the recipient's image in the journal, i.e. the teacher. It is analyzed the discursive *ethos* and the representation of the teacher created by the readers.

Keywords: Bakhtinian studies; media; memory.

Resumo: Neste trabalho, são analisadas cartas do leitor dos primeiros exemplares da *Revista Língua Portuguesa*. O objetivo principal é ampliar a reflexão sobre as relações, nessa revista, entre discursos que provêm de diferentes esferas da comunicação, tal como as considera o Círculo de Bakhtin. Tomando-se, neste estudo, o gênero do discurso “carta do leitor”, a intenção é desenvolver uma reflexão sobre a construção da imagem de um destinatário previsto pelo periódico, o professor. Investiga-se o *ethos* discursivo do professor ao proferir um discurso sobre si e a representação que outros leitores fazem do docente.

Palavras-chave: estudos bakhtinianos; mídia; memória.

Introdução

Esta pesquisa se insere em projeto que se propõe analisar discursos veiculados na *Revista Língua Portuguesa* (publicada pela Editora Segmento, SP – Brasil, desde 2006). São analisadas, neste trabalho, cartas do leitor dos primeiros exemplares desse periódico.

O objetivo principal deste estudo é ampliar a reflexão que venho fazendo sobre as relações, nessa revista, entre discursos que provêm de diferentes esferas da comunicação, tal como as considera o Círculo de Bakhtin. Trabalhos anteriores desenvolvidos por esta pesquisadora revelam que esse veículo atualiza contraditoriamente discursos que circulam em esferas diferentes, principalmente a pedagógica, a artística e a científica. Foram analisados, nesses trabalhos, diferentes gêneros do discurso (entre eles, sumário, carta ao leitor, reportagem e entrevista pingue-pongue) a partir das considerações desenvolvidas por estudos bakhtinianos.

São basilares, nessa perspectiva teórico-metodológica adotada, o dialogismo e a alteridade; ambos atravessam toda a obra do círculo e são fundamentais para se conceber o enunciado: uma unidade concreta de comunicação que se define na interação verbal, na relação com a memória discursiva, com os interlocutores e com o contexto sócio-histórico e ideológico. A análise dos enunciados da revista em pauta tem priorizado o diálogo que

se produz com a memória (no entrecruzamento de vozes dissonantes e seus efeitos de sentido) e com o discurso por vir, na expectativa da resposta do destinatário. Como exposto na seção seguinte, o enunciado ressignifica os discursos com os quais dialoga tendo em vista a compreensão responsiva que o autor faz da memória e a atualização do discurso em contexto sócio-histórico e interacional específico.

Tomando, neste estudo, o gênero do discurso “carta do leitor”, minha intenção é ampliar os estudos desenvolvidos sobre o destinatário previsto pelo periódico, já que esse gênero do discurso dá voz ao leitor da revista. Mais do que conferir quem são aqueles que têm suas cartas publicadas, interessa-me analisar o *ethos* discursivo dos que enunciam nesses enunciados. Parto da hipótese de que esse *ethos* discursivo ajuda a construir uma imagem do leitor da revista, ou seja, é mais uma forma de “representação” do sujeito, neste caso específico, construída por ele mesmo no acabamento que confere a seu enunciado.

O recorte dos dados, devido aos limites deste texto, compreende cartas publicadas em seis números da revista publicados em 2006, especificamente aquelas cartas que foram escritas por professores e aquelas que fazem remissão, direta ou indiretamente, a esses sujeitos. O recorte temporal se justifica porque o destinatário da revista pode ter se modificado/redefinido ao longo do período de publicação do periódico, e uma imagem desse destinatário ao longo desse período demanda outras pesquisas que completem esta que apresento aqui. O recorte temático também se justifica pelo diálogo explícito que o periódico realiza com o discurso pedagógico e com os professores. Nas cartas escritas por professores, analiso o *ethos* discursivo do professor e sua “representação de si”. Já nas cartas que remetem a esse sujeito, analiso a representação que outros leitores fazem do docente.

A representação, neste trabalho, também é concebida a partir de estudos bakhtinianos. Para Voloshinov (1988), o signo reflete e refrata a realidade, apreendendo-a de uma avaliação ideológica específica. É nessa dinâmica de refração da realidade sócio-histórica, a partir dos valores que constituem os sujeitos que enunciam, que tomo aqui “representação”.

Dialogismo e subjetividade/alteridade

A concepção de linguagem que orienta esta pesquisa tem sua base nos estudos desenvolvidos pelo círculo de Bakhtin. Neles, o *centro* organizador da enunciação está situado no meio social que envolve o sujeito; assim, se assume a natureza essencialmente social da enunciação. Assume-se ainda a linguagem como fenômeno da *interação verbal*. Nesse aspecto, importa a *situação social mais imediata* de que participam sujeitos socialmente organizados e um *horizonte social* “que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito” (VOLOSHINOV, 1988, p. 112). A interação verbal, dessa forma compreendida, ao mesmo tempo em que é estruturante da consciência (“Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade” (p. 113)) e é uma ponte entre o eu e o outro, o espaço de partilha entre eles (“A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (p. 113)), é também espaço de conflito ideológico, já que reflete e refrata o horizonte social mais amplo em que se realiza.

Proponho pensar aqui *diálogo*, tal como concebido nos estudos do círculo (no sentido amplo do termo), como *interação*. É nessa interação que se constituem discurso

e sujeito. Nessa perspectiva, o discurso é necessariamente produzido pelo já dito, pela memória, por um discurso outro anterior ao próprio discurso. Mas, para a concepção filosófica de Bakhtin, essa só é uma das faces do diálogo, já que o discurso também se constitui com base na memória do futuro, do porvir: a palavra do sujeito também é fruto da antecipação da compreensão responsiva dos outros-destinatários. Uma passagem muito citada de Voloshinov (1988, p. 98) é esclarecedora desse processo:

Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal. Não passa de um elo da cadeia dos atos de fala. Toda inscrição prolonga aquelas que a precederam, trava uma polêmica com elas, conta com as reações ativas da compreensão, antecipa-as.

Considerando-se a interação verbal, nessa acepção, como uma relação entre sujeitos sociais no diálogo que mobiliza as duas memórias citadas, as antecipações e as respostas dos sujeitos estão relacionadas não só a interlocutores diretos, mas também a vozes sociais que são ressignificadas na atividade discursiva. Assim, o destinatário do enunciado, além do interlocutor real,

[...] pode ser o conjunto diferenciado de especialistas em alguma área especializada da comunicação cultural, pode ser o auditório diferenciado dos contemporâneos, dos partidários, dos adversários e inimigos, dos subalternos, dos chefes, dos inferiores, dos superiores, dos próximos, dos estranhos, etc. (BAKHTIN, 2000, p. 320)

Essas vozes sociais que constituem o discurso são ressignificadas pelo olhar do sujeito no acontecimento da interação. Assim, as vozes sociais presentes no discurso sofrem um trabalho do sujeito, são ao mesmo tempo sociais e individuais. Nessa acepção, *interação* tem a ver com o diálogo social que constitui o discurso do sujeito, na grande temporalidade, e também constitui esse sujeito, que é elemento ativo no processo, agente desse processo.

O diálogo, sendo com a “memória do passado” e do futuro, *projeta o dito em um dizer de agora e para um dizer por vir* – essa projeção para o futuro, em que se necessita de um acabamento do enunciado a ser produzido pela resposta do outro, confere ao enunciado um inacabamento intrínseco. A alteridade e o movimento dos sentidos, portanto, são basilares nessa noção de enunciado. O inacabamento do enunciado tem sido objeto de minhas preocupações teóricas, seja no estudo da ressignificação do discurso no diálogo com o já dito, seja no estudo do movimento (temático, composicional, estilístico) percebido no interior de determinados gêneros do discurso, seja no movimento da identidade dos sujeitos – este é o movimento para o qual pretendo olhar aqui, nas formas de mostrar/representar o professor.

Pensar o discurso como fenômeno ligado à interação social é restituir-lhe o elo com a memória do futuro e com o caráter responsivo ativo do enunciado, é uma forma de lhe restituir o movimento. Nessa acepção, o acontecimento do discurso equivale à atualização feita pelo sujeito do discurso dos outros, direcionando-o a outros, em um momento histórico específico. Em Bakhtin (2000), o acontecimento é ininterrupto porque o enunciado é irrepitível – isso se explica pela noção de *tema*. Voloshinov (1988) chama atenção para o processo em que se dá a produção de sentido: esta, segundo o autor, está apoiada não somente na estabilidade da *significação* da língua, em sua relativa fixação ao longo da história, mas também no acontecimento a que o autor chama de *tema*, que dá ao

enunciado seu caráter “individual” e único. É devido ao *tema*, tomado nessa perspectiva, que a significação se renova continuamente, no acontecimento/evento, em que ocorre um diálogo/interação que atualiza a “memória do passado” e avança em busca da compreensão responsiva do outro/destinatário.

Nessa perspectiva dialógica, enunciar é responder à enunciação do outro com contrapalavras. Para o círculo, a produção linguística é um processo aberto, rico em diversidade, mas que não descarta sentidos em circulação na sociedade, na história, não descarta a estabilidade provisória da significação (GERALDI, 1993).

A subjetividade, concebida no interior desse quadro teórico-metodológico em que o diálogo é peça basilar, é fruto de uma construção conjunta do sujeito e das vozes sociais que o constituem, é fruto de um trabalho ininterrupto da relação do eu com o outro, de sua palavra com a palavra do outro. É um processo constitutivamente social/histórico/ideológico e, ao mesmo tempo, marcado pelo acontecimento, pela renovação ininterrupta da enunciação. Assim, o outro é necessário na construção do “eu”, ou seja, as palavras dos outros são constitutivas das do “eu”, em um processo de constituição não necessariamente detectável no “fio do discurso” e não necessariamente previsto no contexto imediato da interação verbal.

Minha proposta neste artigo é refletir sobre o processo de constituição de uma identidade para o professor nas cartas do leitor da *Revista Língua Portuguesa*. Nesse estudo, são destacados dois movimentos na constituição dessa identidade: o descentramento do “eu” na imagem que esse “eu” constrói de si para o outro (o *ethos* discursivo); o descentramento do “eu” na imagem que o outro constrói dele.

Apontamentos sobre o *ethos* discursivo

Maingueneau (2005, p. 94), definindo a natureza do discurso e a abrangência de seu estudo, defende, no interior da proposta de realizar uma semântica global do discurso, que “um discurso [...] é também uma ‘maneira de dizer específica’”. O sentido do discurso se produz pelo que é dito e pela maneira de dizer. Chama, a essa maneira de enunciar, o *ethos* do discurso, que, segundo o autor, deve estar associado a um *tom*, a um *caráter* e a uma *corporalidade*. O caráter corresponde ao conjunto de traços “psicológicos” que o “coenunciador” atribui à figura do enunciador, em função do seu modo de dizer – trata-se de estereótipos, representações sociais, que circulam em uma cultura específica (MAINGUENEAU, 1993, p. 47). A corporalidade, por sua vez, “corresponde a uma compleição corporal, mas também a uma maneira de se vestir e de se movimentar no espaço social” (MAINGUENEAU, 2001, p. 98-99).

O autor propõe que se veja no enunciador mais que “um mero ponto de entrecruzamento de séries institucionais” (MAINGUENEAU, 2005, p. 97), já que ele se constrói também pelo *ethos* que incorpora. Para Maingueneau, o *ethos* é definido pelo gênero discursivo e pela formação discursiva. Como exemplo de imposição da cena genérica, o autor cita o *ethos* típico de uma resenha de filmes: *distanciado*, que tanto avalia o objeto cultural quanto expõe ideias com serenidade (MAINGUENEAU, 2001, p. 101). Também a formação discursiva define o *ethos*, segundo essa perspectiva teórica, para a qual é preciso afastar qualquer preocupação voluntarista na atividade do enunciador na escolha dos efeitos a serem produzidos no enunciado:

Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. Dito de outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade. *O que é dito e o tom com que é dito* são igualmente importantes e inseparáveis. (MAINGUENEAU, 1993, p. 45-46)

Em sua análise da polêmica entre o discurso jansenista e o humanista devoto, o autor mostra que este último define um ideal de *voz moderada*, com cadências medidas, uma elocução doce e de sociabilidade extrema (MAINGUENEAU, 2005, p. 96). Dessa maneira, a formação discursiva em questão, de acordo com o autor, definiria o *ethos* discursivo incorporado pelo enunciador.

Outro aspecto defendido pelo autor a ser destacado aqui sobre o *ethos* discursivo é que essa instância subjetiva, na prática de leitura, emerge como fiador do que é dito/escrito. Há uma relação constitutiva entre fiador (que se constrói pela forma de enunciar) e conteúdo enunciado:

A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por meio de seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer. O reconhecimento dessa função do *ethos* permite novamente que nos afastemos de uma concepção do discurso segundo a qual os “conteúdos” dos enunciados seriam independentes da cena da enunciação que os sustenta. Na verdade, *não podemos dissociar a organização dos conteúdos e a legitimação da cena de fala*. (MAINGUENEAU, 2001, p. 99)

Considerando, como o autor, que o *ethos* discursivo contribui para a produção de sentido do discurso, para seu funcionamento e sua inscrição histórico-ideológica, é pertinente incluir essa categoria de análise nos estudos bakhtinianos, mas com ressalvas em relação ao quadro teórico exposto nesta seção. Em primeiro lugar, é preciso abandonar o conceito de *formação discursiva* e ver as ideologias, o contexto sócio-histórico e as esferas de atividade comunicativa como constitutivas do “modo de dizer” do enunciado. Entendendo-se esse “modo de dizer” (o *ethos* discursivo) como constituinte do estilo do gênero do discurso, fica claro, na perspectiva bakhtiniana, que o *ethos* é definido pelo gênero e, por conseguinte, pelas relações sociais mais amplas, que interferem na constituição do gênero. Em segundo lugar, é pertinente destacar que, nos escritos do círculo, o sentido do discurso se produz na interação social – dessa forma, o *ethos* discursivo, sendo considerado um componente do estilo dos gêneros do discurso, ele se produz na relação entre um “eu” e “outros”, outros que não são os das outras formações discursivas, como em Maingueneau (2005), mas das outras vozes sociais e, até, o outro imediato: o interlocutor efetivo ou imaginado. Vejamos, a seguir, como se manifesta esse *ethos* em cartas do leitor publicadas em periódico de grande circulação.

Imagens do professor nas cartas do leitor da *Revista Língua Portuguesa*

A *Revista Língua Portuguesa* é um periódico brasileiro veiculado mensalmente desde 2006; dedica-se à divulgação de matérias sobre línguas, em especial sobre a língua portuguesa. Possui uma tiragem expressiva (150 mil exemplares por mês, segundo o *site* institucional) e recebe regularmente contribuições de trabalhos de linguistas. Nossa hipótese

é que se destina a um público híbrido; entretanto, um público privilegiado parece ser o professor de língua portuguesa e literaturas em português. Veja-se enunciado presente em seu *site* (<http://revistalingua.uol.com.br/>), em que se mesclam o discurso da Linguística, com o reforço da preocupação com a língua falada e cotidiana, e o discurso da tradição gramatical, que se preocupa com correções e “vícios de linguagem”; nesse enunciado, também se define o leitor (“aqueles que querem se atualizar e se qualificar profissionalmente, inclusive pedagogicamente” – observe-se o trecho em itálico):

A Revista Língua Portuguesa busca identificar e colocar em discussão os aspectos mais relevantes da língua e da fala brasileira, *e se constitui um valioso instrumento de atualização de conhecimentos e de qualificação pedagógica.*

As reportagens, artigos e seções, tratam do uso oral e escrito do nosso idioma em diversas situações do cotidiano, sejam elas informais, cultas, pessoais ou profissionais.

A cada edição procura orientar e ajudar as pessoas a esclarecer dúvidas a respeito de concordância, grafia, pronúncia, acentuação, uso do plural, vícios de linguagem, origem das palavras e muito mais.

Tudo isso de uma maneira didática, mas de leitura agradável e prazerosa, simples e bem humorada. (A REVISTA, 2011)

Ao propor o estudo, neste artigo, do gênero do discurso “carta do leitor”, tal como atualizado na revista em questão, meu objetivo é ampliar reflexões sobre o destinatário previsto pelo periódico. Foram selecionados, aleatoriamente, seis números do periódico para análise, todos eles veiculados em 2006, de abril a dezembro; são os números 6, 8, 9, 11, 12 e 14. Nas cartas analisadas, podemos fazer as seguintes observações gerais, que já apontam para uma identidade desse leitor: vários leitores se apresentam como professores ou estudantes de Letras; as cartas constituem-se como espaço de discurso laudatório da língua portuguesa e da iniciativa do veículo em valorizá-la (as críticas a matérias são menos frequentes); muitas vezes, o leitor assume postura purista, corrigindo aspectos da língua tratados pela revista.

Nas cartas, percebem-se duas representações em conflito. Enquanto o *ethos* discursivo do professor constrói uma imagem de si de sujeito de autoridade, competente, a representação do professor feita pelo outro o coloca como sujeito despreparado e incapaz. Vejamos como se manifestam esses discursos, começando pelo *ethos* discursivo do professor em algumas cartas do número 14.

A COISA

Ninguém nunca viu nem ouviu falar tanto em “coisa”. A coisa não é como se pensa e foi bom ver que a revista colocou cada coisa em seu devido lugar. Os exemplares de **Língua** estão cada vez mais surpreendentes, satisfatórios, contagiantes e alguma coisa a mais. Parabéns a Franciscarlos Diniz pela sua brilhante matéria “Com mil e uma utilidades” (**Língua 12**, outubro). Isso sim é uma verdadeira coisa. (*o autor, após informar seu nome, diz que é professor de português*)

CAMÕES POP

Gostei muito da matéria “Camões Pop” (**Língua 13**), de Rachel Bonino. Sou professor de língua portuguesa do Colégio Militar de Campo Grande, e aqui desenvolvemos um projeto em que os alunos da 1ª. Série do Ensino Médio, a partir da confecção de um roteiro acerca de *Os Lusíadas*, produzem um filme, de livre adaptação, abordando um dos episódios

da obra. Pois bem, nós, da terra dos Tuiuiús, já demos nossa nova roupagem a Camões. Quem quiser conferir é só fazer contato.

DICIONÁRIOS

Sou professora de língua portuguesa e assinante desta revista. Acho as matérias muito interessantes e esclarecedoras. Porém, fiquei com uma dúvida sobre a reportagem “O verbete na linha de produção” (*Língua* 11, setembro). Observei que, na lista de dicionários, não consta o Luft. Por que, se ele é utilizado pela maioria das escolas, pelo menos aqui no RS? Um grande abraço e continuem com essa revista maravilhosa. (REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA, 2006a, p. 6)

Nas três cartas, o *ethos* discursivo construído é valorado positivamente. Em “A coisa”, temos um modo bem-humorado e inteligente de enunciar, na repetição exagerada da palavra “coisa”: “A coisa não é como se pensa”; “a revista colocou cada coisa em seu devido lugar”; “alguma coisa a mais”; “Isso sim é uma verdadeira coisa”. Ao criticar o uso da palavra pela maioria dos brasileiros, o enunciador se apropria das construções as quais critica, gerando o efeito do humor e reforçando a crítica ao uso linguístico em questão.

Em “Camões Pop”, temos um *ethos* que se mostra com autoridade naquilo que faz: dar aulas de língua portuguesa; ele dá em exemplo de atividade a ser desenvolvida em sala de aula que foi bem-sucedida entre seus alunos. Faz isso, mas de forma a não parecer arrogante, utilizando a primeira pessoa do plural ao se referir ao sujeito que propôs a atividade: “e aqui desenvolvemos um projeto em que os alunos da 1ª. Série do Ensino Médio”; “nós, da terra dos Tuiuiús, já demos nossa nova roupagem a Camões”.

Na carta intitulada “Dicionários”, a autora, professora de língua portuguesa também, questiona com autoridade a revista pelo “esquecimento” do dicionário Luft em uma matéria sobre o tema. Novamente, o *ethos* é de um sujeito de autoridade, mas que ameniza sua crítica, enunciando de forma polida: “Porém, *fiquei com uma dúvida* sobre a reportagem” (itálico adicionado); “Um grande abraço e continuem com essa revista maravilhosa”. Em vez de afirmar com ênfase que houve falha da revista, o tom da crítica é leve, construindo a imagem de um sujeito enunciador educado e com autoridade porque conhece mais sobre dicionários que o autor da matéria veiculada pela revista.

Temos, no exposto, três exemplos de cartas em que o professor se assume como tal e ora emite opiniões bem-humoradas, ora dá conselhos de aulas, ora critica matéria veiculada. É um *ethos* de “sujeito capaz” que se constrói nesses casos. Vejamos mais um exemplo de carta em outro número, o n. 11.

DEMONSTRATIVOS

Quero cumprimentar toda a equipe pela excelente revista. Mas parece haver uma obsessão com a diferença entre os demonstrativos. Vocês têm só transcrito as regras dos gramáticos, que correlacionam “este” com a primeira pessoa e “esse” com a segunda. Não seria mais honesto dizer que tal diferença é artificial? Um dia, lendo Machado de Assis em sala, um aluno notou que o autor não segue a gramática. Por outro lado, o *Houaiss* deixa claro que a diferença não existe, apesar do esforço da tradição escolar. Com quem devemos ficar: o *Houaiss* ou a artificialidade da gramática? A revista, tão inovadora em tantos aspectos, poderia dar contribuição importante nesta área. (REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA, 2006b, p. 7)

Como na carta “Dicionários”, intitulada “Demonstrativos”, critica a revista, neste caso pela abordagem feita dos pronomes demonstrativos. O *ethos* é novamente de um sujeito com autoridade, mas que respeita o outro, que ameniza a crítica pelo modo como diz. Veja-se o elogio à revista com que se inicia a carta (como em “Dicionários”), seguido da crítica, em construção argumentativa “p, mas q”: “Quero cumprimentar toda a equipe pela excelente revista. *Mas parece* haver uma obsessão com a diferença entre os demonstrativos” (itálico adicionado). Observe-se ainda o uso do modalizador “parece”, que também ameniza o tom de crítica. O autor reforça sua imagem de sujeito com autoridade quando cita, em seus argumentos, o uso que faz de Machado de Assis em sala de aula e a autoridade de *Houaiss* no assunto em questão: uso dos demonstrativos. Outro aspecto estilístico dessa carta, que reforça o tom ameno da crítica, são as questões retóricas: “Não seria mais honesto dizer que tal diferença é artificial?”, “Com quem devemos ficar: o *Houaiss* ou a artificialidade da gramática?”.

Cabe aqui um comentário sobre esse *ethos* recorrente nas cartas, quando do professor produzindo de si uma imagem positiva. Esse sujeito enunciador, como se vê nos exemplos citados e analisados, não entra em conflito com a revista. Uma hipótese explicativa desse estilo presente nas cartas, a ser investigada em outros números da revista e em outros periódicos, é se esse gênero do discurso “pede” esse *ethos* ameno, leve, educado. Outra hipótese explicativa, também a ser investigada em outros exemplares, pode ser a seguinte: o valor social da língua portuguesa é tal que o professor, em diálogo com esse valor, com a revista que o divulga e estimula/reforça, e com o destinatário indireto da carta (o leitor da revista) que partilha desse valor, acaba por amenizar sua crítica – ou seja, a imagem que o professor tem da língua portuguesa, a imagem que ele tem da *Revista Língua Portuguesa* como legitimadora dessa língua, e a imagem que ele tem do leitor da revista o levariam a amenizar sua crítica.

Vejamos como se produz, por seu turno, uma imagem do professor na voz daquele que fala dele nas cartas. Está em foco aqui a visão que o outro (sociedade, outros profissionais etc.) tem do eu (professor). Bakhtin (2000), em reflexão filosófica sobre as relações entre o eu e o outro nas atividades estéticas e éticas, argumenta que o eu e o outro se completam, mas não se confundem. Em outras palavras: é a alteridade que permite ao sujeito buscar sua completude, porque o outro vê no eu aquilo que o eu próprio não consegue ver. Dessa forma, interessa pensar como a identidade do sujeito-professor se produz na revista em análise a partir dos olhares do professor e do outro. Com já adiantei anteriormente, são produzidas duas imagens contraditórias nos dois movimentos de produção identitária percebidos.

O professor, na voz de uma economista amante da língua portuguesa, é despreparado e incapaz, como se vê na carta citada a seguir, publicada no exemplar número 8. Esse despreparo se explicita como ponto de vista defendido pelo enunciador: “A professora passou-lhe frases soltas, sem contexto, para serem classificadas, de uma forma, na minha opinião, sem lógica”. Mas também o despreparo se produz por como o sujeito que critica o outro produz de si uma imagem, em oposição à daquele criticado: o enunciador cita classificações sintáticas, mostrando-se conhecedor da gramática tradicional; mostra-se moderno ao incorporar em seu enunciado o discurso “moderno” da análise linguística em contexto, do fim da decoreba (“Há muitos exercícios gramaticais fora de contexto”; “seu entendimento é algo mecânico, técnico, decoreba fora de moda”). Enunciando dessa ma-

neira, o enunciador constrói de si um *ethos* de saber atualizado, em oposição à representação que faz do professor de língua. Inclusive, acredita que a revista deva “mostrar como deveria ser o ensino de gramática nas escolas”, assumindo a voz da sociedade que deve formar o professor sempre em despreparo.

DECOREBA

Sou economista, apaixonada pela língua portuguesa. Tenho lido na conceituada revista **Língua** discussões de importância, o que me levou à seguinte reflexão. Auxílio a filha de minha secretária doméstica nas lições escolares, 8ª. série. Há muitos exercícios gramaticais fora de contexto. Certo dia, estudava para uma prova, decorando o que é oração subordinada substantiva, objetiva direta etc. Em outra ocasião, fazia uma tabela de classificação de verbos (transitivos diretos etc.). A professora passou-lhe frases soltas, sem contexto, para serem classificadas, de uma forma, na minha opinião, sem lógica. Percebo que a aluna tem uma visão estreita do idioma e seu entendimento é algo mecânico, técnico, decoreba fora de moda. É preciso mostrar como deveria ser o ensino de gramática nas escolas, considerando a importância de uma visão “holística” do que seja o idioma. Até onde esses exercícios gramaticais enriquecem o aprendizado da língua? Até que ponto são necessários? Desejo à revista sucesso sem fim! (REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA, 2006c, p. 7)

Considerações finais

Neste trabalho, foram destacadas duas formas de construção identitária do sujeito-professor na *Revista Língua Portuguesa*: a partir do discurso do eu sobre si e a partir do discurso do outro sobre o eu. Chamar atenção para esses dois olhares debruçados sobre esse sujeito ajuda a entender sua constituição dialógica na sociedade brasileira contemporânea: é um sujeito que se constitui refratado pelo signo ideológico, na relação com a alteridade e no movimento que é constitutivo da linguagem e da sociedade.

REFERÊNCIAS

- A REVISTA. [s.d.] Disponível em: <http://revistalingua.uol.com.br/anuncie.asp>. Acesso em: 15 out. 2011.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. *Novas tendências em Análise do discurso*. Tradução de Freda Indursky. 2. ed. Campinas: Pontes/Unicamp, 1993.
- REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Segmento, v. 1, n. 8, 2006c.
- REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Segmento, v. 1, n. 11, 2006b.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Editora Segmento, v. 1, n. 14, 2006a.

VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1988.